



# InforFloresta

BOLETIM INFORMATIVO

49ª edição - fevereiro, 2025

 Rua 26 de Dezembro, 27 . Palhais . 2550-072 Vilar - Cadaval  
 262 741 083\*  919 723 420\*\*  geral@apasfloresta.pt  
\* Chamada para rede fixa nacional \*\* Chamada para rede móvel nacional  
 [www.apasfloresta.pt](http://www.apasfloresta.pt)

## MENSAGEM ANO NOVO

[anaganch@apasfloresta.pt](mailto:anaganch@apasfloresta.pt)

Caros Associados e Colaboradores,  
Mais um ano se inicia, e desejamos que este seja um ano benéfico para as nossas florestas.

A APAS Floresta trabalha diariamente neste sentido. Investindo numa equipa capaz, motivada, multifacetada, e atenta aos desafios deste sector.

Neste momento, além dos técnicos florestais, contamos também com outros técnicos com formações distintas na área do ambiente, pois acreditamos que devemos de olhar para a floresta como um todo, como um espaço produtivo, mas também como de lazer, que abrigue as mais variadas espécies, e que nos forneça múltiplos serviços, quer sejam ambientais, sociais e/ou económicos. Estamos aqui para vos apoiar na gestão de uma floresta mais produtiva, mais sustentável e mais responsável.

Contem connosco!

**JUNTOS GERIMOS MELHOR A FLORESTA!**

## A IMPORTÂNCIA DO DESBASTE DAS VARAS NA TALHADIA DO EUCALIPTAL

[patriciaazeiteiro@apasfloresta.pt](mailto:patriciaazeiteiro@apasfloresta.pt)

Sabia que a seleção de varas, também conhecida por desbaste das varas, é a operação silvícola que permite escolher os rebentos mais vigorosos nas toíças de eucalipto, conduzindo ao aumento do volume de madeira produzido e, simultaneamente, reduzir o risco de incêndio? Estudos realizados estimam um ganho médio de 50% em volume útil com a realização desta técnica.

Esta operação realiza-se após o primeiro corte do povoamento. Nesta fase, a partir do cepo, ocorre o aparecimento de rebentos. O corte destes permite transformá-los mais tarde em eucaliptos até serem novamente cortados (10 – 12 anos).

Deverá ter em atenção o seguinte:

**Época de realização:** 2 ou 3 anos após o corte do povoamento,

preferencialmente nos meses mais frios (outono/inverno).

**Tipo de corte:** Em bisel, para evitar a acumulação de água, e o mais rente possível à toíça.

**Número de varas selecionadas:** 1 a 3 varas por toíça, de modo a repor o número de plantas da plantação (cerca de 1800 varas/hectare).

Na eventualidade de existirem falhas na plantação ou toíças mortas, o número de varas nas toíças deverá ser compensado (duas varas opostas na toíça) desde que tenham dimensão para tal. Em toíças de menor dimensão (<20cm) deixar apenas uma vara, independentemente da localização da toíça no povoamento.

Nas bordaduras das propriedades e junto aos caminhos, deixar até três varas nas toíças maiores.

## APAS FLORESTA TEM NOVO SERVIÇO ACONSELHAMENTO À GESTÃO FLORESTAL

[patriciaazeiteiro@apasfloresta.pt](mailto:patriciaazeiteiro@apasfloresta.pt)



Se não tem tempo de visitar a sua propriedade florestal, não a quer deixar ao abandono, quer geri-la, mas não sabe como, desde janeiro que a APAS Floresta tem nova iniciativa de apoio a proprietários!



Através de apoio técnico especializado, fazemos uma visita de campo à propriedade e elaboramos um relatório de campo que inclui: *breve caracterização da exploração, registos fotográficos do estado atual da propriedade, cartografia e proposta das operações a efetuar de forma a rentabilizar o espaço florestal.*

Com esta iniciativa reforçamos o compromisso com os nossos sócios/clientes e com a preservação e valorização da floresta, promovendo uma gestão mais eficiente e responsável pelos recursos naturais.

**Para mais informações entre em contato connosco!**

**JUNTOS GERIMOS MELHOR A FLORESTA**

## PRAGA FLORESTAL VESPA-DA-GALHA-DO-EUCALIPTO

rubenvicente@apasfloresta.pt



O *Ophelimus sp.* é uma **vespa-das-galhas**, originária da Austrália e foi recentemente identificada no sul da Europa, tendo sido a sua presença detetada em Portugal em 2018. Este inseto de pequenas dimensões (cerca de 1mm) forma galhas nos *Eucalyptus globulus* jovens (com menos de 3 anos) comprometendo o desenvolvimento das árvores e, em casos extremos, podendo levar à sua morte. A presença da praga pode ser verificada pela formação de galhas e inchaços no caule e ramos das plantas, os quais surgem devido à necessidade do *Ophelimus sp.* de condições específicas que o eucalipto oferece para completar as

três primeiras fases do seu ciclo de vida.

O ciclo de desenvolvimento do *Ophelimus sp.* é composto por quatro fases, *Ovo* → *Larva* → *Pupa* → *Adulto*, permanecendo nas primeiras três fases no caule ou ramo da planta. Quando atinge a fase adulta, emerge, deixando uns orifícios visíveis a olho “nu”, os quais indicam que o inseto já não se encontra naquele local.

Ao formar estas galhas, os nutrientes provenientes do solo deixam de poder chegar a toda a árvore, neste caso, se um *Ophelimus sp.* colocar os ovos num dos ramos do eucalipto, o mesmo forma a galha e após algum tempo a parte superior do ramo começa a secar, podendo perder os seus ápices. Devido à não chegada de nutrientes a toda a árvore, a mesma, poderá morrer.

**O que fazer caso esteja a pensar em realizar uma rearboreização:**

- A observação dos povoamentos de eucaliptos jovens envolventes ao seu povoamento, de modo a tentar identificar a existência da praga;
- Na existência da praga, recorrer a plantas resilientes e adaptadas, como os clones de eucalipto adaptados para esse fim, ou, plantas que transitem rapidamente para folha adulta (caso não a tenham no momento, adiar a plantação até à próxima época).



- Ir monitorizando a evolução e desenvolvimento do seu eucaliptal para avaliar a necessidade de medidas mitigadoras, como a utilização de adubo de reforço para a recuperação da massa foliar.

**Caso já tenha um povoamento jovem instalado:**

- Utilização de adubação de reforço para a recuperação da massa foliar dos eucaliptos.

Até a data ainda não existem outros modos de mitigar esta praga, no entanto, já estão a ser realizados estudos para o efeito.



### TOME NOTA



**Período de candidaturas ao Pedido Único 2025**  
17 de fevereiro a 15 maio



**Prazos EUDR (Regulamento da UE sobre Produtos Livres de Desflorestação e Degradação Florestal)**

Grandes empresas | 30 dezembro, 2025  
Micro e pequenas empresas | 30 junho, 2026



**Prazo de candidaturas à medida PEPAC C.3.1.1 - Investimentos Produtivos em Bioeconomia**  
Até 28 fevereiro, 2025



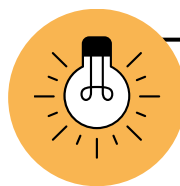
**Prazo de candidaturas à medida PEPAC C.5.3 - Apoio à Prestação de Serviços de Aconselhamento Agrícola e Florestal**  
Até 7 abril, 2025



**Prazo legal para realizar podas em Sobreiro e Azinheira**  
1 novembro a 31 março



**Prazo legal para colheita de pinhas de Pinheiro-mansinho**  
1 dezembro a 31 março



## Sabia que?

No âmbito do projeto *Forest for Future (F4F)*, em concreto do seu Projeto Piloto 9 – *Plantas Invasoras*, foi publicado o Manual de Boas Práticas para a Gestão e Controlo de Plantas Invasoras Lenhosas em Portugal Continental. O Manual está disponível, de forma gratuita, em pdf, em <https://zenodo.org/records/14288067>

WWW.APASFLORESTA.PT

JUNTOS GERIMOS MELHOR A FLORESTA

## CURIOSIDADES SOBRE MONTEJUNTO

### ROSA-ALBARDEIRA, ENTRE MÚSICAS E MITOS

paulocruz@apasfloresta.pt

Em edições anteriores do InforFloresta apresentamos uma panóplia de espécies representativas e importantes na zona do Montejunto, desta vez trazemos uma espécie que dá uma cor diferente às encostas e vales da Serra de Montejunto e tem até direito a uma música!

Em primeiro lugar vamos apresentar a taxonomia desta espécie:

**Reino:** *Plantae*

**Sub-reino:** *Tracheobionta*

**Divisão:** *Magnoliophyta*

**Classe:** *Magnoliophyta*

**Ordem:** *Saxifragales*

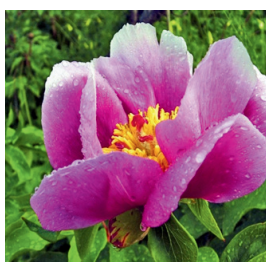
**Família:** *Paeoniaceae*

**Género:** *Paeonia*

**Espécie:** *Paeonia broteri*



Sabia que a Rosa-Albardeira corre o risco de entrar em extinção?



Outros nomes comuns: peónia, rosa-de-lobo, erva-casta, erva-de-santa-rosa e rosa-cuca.

A Rosa-albardeira é uma espécie nativa da Península Ibérica, ou seja, é endémica desta região, onde na natureza selvagem apenas se encontra no Sul e Oeste da Península Ibérica. É uma espécie que cresce em lugares pedregosos, sombrios e húmidos, assim, na serra de Montejunto podemos encontrar esta rosa em bosques de Sobreiro ou Carvalho e na orla de cursos de água e matagais de folha perene.

É uma planta vivaz que pode atingir entre os 30 e 50 cm de altura, contudo, passa o Inverno com os rizomas subterrâneos. Entre março e junho vai florescer e apresentar flores vistosas relativamente grandes, rosadas, solitárias, com muitos estames e cerca de 4 carpelos penugentos, chegando a alcançar um diâmetro de 15 cm. As folhas são verde-claras, alternas e glabras, sendo colonizada por coleópteros (insetos como escaravelhos, besouros, joaninhas).

Todas estas características tornam a Rosa-albardeira numa das plantas mais bonitas dos nossos bosques, contudo, esconde o segredo de as suas sementes e flores serem tóxicas quando consumidas em doses altas, provocando náuseas e cólicas.

O charme desta flor reside no seu carácter rústico que tem sido uma fonte de inspiração desde tempos antigos, sendo exaltada em canções de amor e usada para adorar e colorir várias procissões de Páscoa.

O seu nome, *Paeonia broteri*, dado pelo importante botânico e médico Félix da Silva Avelar, mostra uma ligação à mitologia grega e medicina antiga, já que *Paieon* era o médico dos deuses e *Brotero*, significa de uma forma laica “amigo dos mortais”, existindo evidências históricas que no século IV a.c. esta flor teria sido usada para curar casos de epilepsia, possuindo propriedades antiespasmódicas e vasoconstritoras. Atualmente, não se usa esta planta para esse fim devido à sua toxicidade.

Apesar da sua beleza e significância histórica, esta planta corre o risco de figurar entre as espécies autóctones em vias de extinção, já que devido à destruição do seu habitat natural torna-se cada vez mais raro encontrar esta planta na natureza que nos rodeia, logo, colher a Rosa-albardeira em meios silvestres é proibido por lei, sendo que a verdadeira recompensa é gozar o esplendor das rosas mais belas que verá crescer entre os pequenos bosques de sobreiros e carvalhos, formando um requinte magnífico que só é possível quando todas estas espécies convivem entre si.

## FLEXIBILIZAÇÃO DAS DATAS DE CONCLUSÃO DOS PROJETOS PDR2020

patriciaazeiteiro@apasfloresta.pt

2025 é o ano de encerramento do PDR2020 e a autoridade de gestão do PEPAC no continente, consciente das dificuldades manifestadas por alguns beneficiários na conclusão dos projetos, cujo prazo de execução contratado é inferior ao previsto na Portaria da respetiva medida, procedeu à flexibilização das datas de conclusão dos projetos sem a necessidade de submissão de um Pedido de Alteração.

Assim, os prazos de conclusão dos projetos em curso no âmbito do PDR2020:

8.1.1 Florestação de terras agrícolas e não agrícolas

8.1.2 Instalação de sistemas agroflorestais

8.1.3 Prevenção da floresta contra agentes bióticos e abióticos

8.1.4 Restabelecimento da floresta afetada por agentes bióticos e abióticos ou por acontecimentos catastróficos

8.1.5 Melhoria da resiliência e do valor ambiental das florestas

8.1.6 – Melhoria do valor económico da floresta

8.2.1 Gestão de recursos cinegéticos

Serão prorrogados até ao limite máximo de **15 de junho de 2025**.



JUNTOS GERIMOS MELHOR A FLORESTA

## PLANTAS INVASORAS

### ERVA-DAS-PAMPAS

dianaferreira@apasfloresta.pt

A Erva-das-pampas, bastante utilizada no nosso país como planta ornamental, cujo nome científico é *Cortaderia selloana*, integra a Lista Nacional de Espécies Invasoras desde 2019 - (anexo II do Decreto-Lei nº92/2019, de 10 de julho).



A sua área de distribuição nativa é a parte tropical da América do Sul (Chile e Argentina) e, neste momento, em Portugal já existe em todo o país e nos arquipélagos da Madeira (ilha da Madeira) e no arquipélago dos Açores (Flores, Graciosa, Santa Maria, São Jorge, São Miguel, Terceira). Esta espécie é considerada invasora não só em Portugal, mas também em Espanha, França, Itália e Reino Unido (Europa), na Califórnia (oeste dos EUA), na Austrália e na Nova Zelândia.

Esta erva perene tem como ambientes preferenciais de invasão as dunas costeiras, áreas perturbadas como terrenos baldios ou abandonados e é muito encontrada ao longo das vias de comunicação. É uma espécie oportunista que se adapta a uma grande diversidade de solos e que se estabelece muito bem em áreas onde a vegetação nativa foi eliminada ou perturbada. O facto de se reproduzir por via seminal facilita a invasão, podendo uma planta feminina produzir até 1 milhão de sementes – as quais são dispersas muito eficazmente pelo vento, originando focos de invasão em locais distantes.

É considerada uma das piores espécies invasoras em ecossistemas terrestres em Portugal continental e está classificada com nível de risco de 26. Este valor é obtido de acordo com um protocolo adaptado do Australian Weed Risk Assessment (Pheloung et al. 1999), por Morais et al. (2017), segundo o qual valores acima de 13 significam que a espécie tem risco de ter comportamento invasor no território português.

Ao crescer vigorosamente e ao formar aglomerados densos capazes de dominar a vegetação herbácea e arbustiva, provoca barreiras à circulação da fauna e utiliza recursos necessários a outras espécies. As folhas cortantes também limitam a utilização de áreas invadidas, provocando impactos graves nos ecossistemas. Sendo as medidas de controlo desta espécie elevadas na aplicação também nos trazem impactos económicos. Outros impactos causados por esta espécie são o facto de ter folhas cortantes e de provocar alergia principalmente depois do verão, constituindo um grave problema de saúde pública.

Existem diversas metodologias para efetuar o controlo desta espécie, dependendo da dimensão das plantas, do tamanho da área invadida e das condições do local em que a invasão está a ocorrer. Sempre que possível, os métodos não químicos devem ser privilegiados para evitar efeitos negativos que a aplicação de fitofármacos pode trazer.

Alguns métodos de controlo físico são: o arranque manual, o arranque mecânico, o corte e remoção da parte radicular e o corte das panículas. O arranque manual é preferível para plântulas e plantas jovens de pequenas dimensões, e deverá ser realizado na época das chuvas para facilitar a remoção do sistema radicular. Já o arranque mecânico aplica-se a plantas de maiores dimensões. Em ambos os casos, deve-se garantir que as raízes de maiores dimensões e os rizomas arrancados não ficam em contato com o solo, pois estes recuperam facilmente. Em plantas de grandes dimensões sempre que o arranque da planta inteira não for possível, o corte pode ser realizado com motorroçadora e a remoção da parte radicular com recurso a um equipamento manual (e.g. enxada) ou mecânico (e.g. retroescavadora).

O corte das panículas deve ser realizado antes da dispersão do pólen/sementes, que normalmente acontece no final de agosto/início de setembro. Depois de arrancadas as primeiras plumas, é possível que se formem novas, que deverão também ser arrancadas, garantindo que nenhuma pluma fica por cortar. Estas devem ser retiradas do local e colocadas em sacos duplos para serem posteriormente destruídas ou aguardar a própria degradação. Existe também a possibilidade de as plumas serem colocadas na compostagem e atinjam temperaturas superiores a 50°C para inviabilizar as sementes, queimadas em forno fechado ou enterradas pelo menos desde que um palmo de terra as cubra. Este método não controla aquela planta em questão, mas impede que essa planta não disperse mais sementes anualmente.

O controlo químico faz-se através da aplicação foliar de herbicida e aplica-se a plantas jovens. Esta aplicação deve limitar-se à espécie alvo e recomenda-se a sua utilização como última alternativa e nunca nas situações próximas a linhas de água.

Em Portugal e em Espanha, há alguns anos, foi detetado o inseto *Spanolepis selloanae* que é um potencial agente de controlo biológico da *Cortaderia selloana*. As larvas deste inseto destroem o ovário das flores das plantas femininas podendo ajudar a controlar a sua dispersão.

#### Ficha Técnica:

Propriedade e Edição: APAS Floresta

Coordenação: Patrícia Azeiteiro

Grafismo: APAS Floresta

Impressão: Printoption